

PASTOR EDNALDO CARVALHO

GOGUE E MAGOGUE

A Última Grande Guerra Antes do Armagedom



Scott E Read

GOGUE E MAGOGUE

A Última Grande Guerra Antes do Armagedom

Far-te-ei que te volvas, porei anzóis no teu queixo e te levarei a ti e todo o teu exército, cavalos e cavaleiros, todos vestidos de armamento completo, grande multidão, com pavês e escudo, empunhando todos a espada; - Ez 38.4

O Urso simboliza a Rússia.

 inegável cumprimento das profecias encontradas nos capítulos 36 e 37 de EZEQUIEL se cumprem, em parte, em nossos dias, ou seja, em nossa geração. Tais referências bíblicas se transformam em notícias de jornais e em registros nos livros de História Contemporânea como fatos consumados que posicionam o povo de Israel no centro de tais acontecimentos. O renascimento do Estado de Israel e o reajuntamento do povo judeu em Hertz Israel (terra de Israel), após 2 mil anos de dispersão, cumpre, inegavelmente, as condições necessárias para o desfecho da próxima grande guerra, a de Gogue e Magogue, cujo cenário político, segundo os fatos e as Escrituras, está sendo montado no Oriente Médio. Esta guerra, embora localizada nessa área conflituosa, segundo a Bíblia, nos montes de Israel, terá repercussão mundial, podendo vir a ser o 3º grande conflito da humanidade.

O acelerado cumprimento dessas profecias nos revela os acontecimentos que pasmaram o mundo com o regresso dos judeus à Terra Santa após 20 séculos no exílio. A história marca

os dois momentos que originaram este assombroso desterro do povo de Israel. A destruição da cidade de Jerusalém, e também do Templo em 70 d.C., quebrou a coluna dorsal do governo e da religião judaica.

De 132 a 135 d.C., a revolta e a resistência liderada por Simão Bar Kokhba, reconhecido como Messias pelo sábio judeu Rabi Akiva ben Joseph, 40-137 d.C., manteve a esperança de independência do povo hebreu. Akiva, quando o viu, declarou: “Uma estrela surgiu de Yaacov (Bamidbar 24:17); Bar Koziva descende de Yaacov, ele é o Mashiach”. Simão assumiu um papel preponderante na luta, passando à ofensiva e, gradualmente, expulsando as tropas romanas de suas posições, até ver o restabelecimento da independência da Judeia. Mas os romanos contraatacaram, reconquistando suas posições perdidas. Obrigado a abandonar Jerusalém, Bar Kokhba retirou-se para a cidade-fortaleza de “Betar”, onde resistiu até meados de 135 d.C., quando a fortaleza foi tomada. Começava, assim, o *galut*, a Diáspora.

Apesar das perseguições e dos

massacres, o judaísmo e um remanescente teimosamente sobreviviam. Um sentimento obstinado estava enraizado no povo de Israel. Reencontrar a amada Jerusalém expressava o mesmo desejo que o salmista revelou que sentiam os exilados na Babilônia. *“Às margens dos rios da Babilônia, nós nos assentávamos e chorávamos, lembrando-nos de Sião. 2 Nos salgueiros que lá havia, pendurávamos as nossas harpas, 3 pois aqueles que nos levaram cativos nos pediam canções, e os nossos opressores, que fôssemos alegres, dizendo: Entoai-nos algum dos cânticos de Sião. 4 Como, porém, haveríamos de entoar o canto do SENHOR em terra estranha? 5 Se eu de ti me esquecer, ó Jerusalém, que se resseque a minha mão direita. 6 Apegue-se-me a língua ao paladar, se me não lembrar de ti, se não preferir eu Jerusalém à minha maior alegria.”* (Salmos 137.1-6). Até os dias atuais, esse sentimento permeia o coração e os lares judaicos. A invocação feita na celebração da Páscoa judaica, que lembra o Êxodo do Egito, acompanha até os dias de hoje esse desejo incontido de judeus de todo o mundo *“Le shana haba, b’ Ierushalaim”*: “no ano que vem, em Jerusalém”.

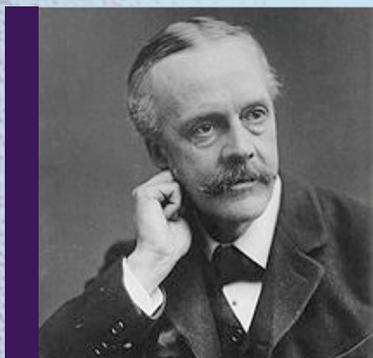
O DEUS DE ISRAEL NO CONTROLE ABSOLUTO DA HISTÓRIA

Do ponto de vista político, Israel não teria chance de reaver o seu território. No entanto, o advento da Primeira Guerra Mundial reorientou o quadro geoeconômico das potências europeias e, surpreendentemente, favoreceu a luta dos judeus de, finalmente, terem um lar nacional. O Acordo Sykes-Picot, de 16 de maio de 1916, entre os governos do Reino Unido e da França – um ajuste secreto

que definiu as suas respectivas esferas de influência no Oriente Médio, após a Primeira Guerra Mundial –, deu início a essa possibilidade. Em meio a esse conflito, a Inglaterra, buscando salvaguardar seus interesses na região, aquiesceu com a Declaração de Balfour, publicada em 2 de novembro de 1917, em plena guerra.

A famosa declaração do ministro britânico promete ao povo judeu o apoio

do Reino Unido quanto ao restabelecimento, na Palestina, de um “lar nacional” para os judeus. Seria um longo caminho até a criação do Estado de Israel, mas a ideia já estava lançada. Os judeus perseguidos desde o primeiro século encontrariam, finalmente, um abrigo em seu país de origem. O retorno a Jerusalém tornava-se possível após uma longa espera.



Arthur James Balfour, primeiro conde de Balfour (25 de julho de 1848 – 19 de março de 1930), político e estadista britânico, foi Primeiro-ministro do Reino Unido. É conhecido internacionalmente por ter dado seu nome, quando ministro do Exterior, à “Declaração de Balfour”, através da qual o Governo britânico apoiou, em 1917, as aspirações sionistas de criação de um Estado Nacional judeu na Palestina.

A carta destinada ao Lord Rothschild, presidente na British Zionist Federation, foi escrita usando-se os seguintes termos:

“Caro Lord Rothschild,

Tenho o grande prazer de endereçar a V. Sa, em nome do governo de Sua Majestade, a seguinte declaração de simpatia quanto às aspirações sionistas, declaração submetida ao gabinete e por ele aprovada:

‘O governo de Sua Majestade encara favoravelmente o estabelecimento, na Palestina, de um Lar Nacional para o Povo Judeu, e empregará todos os seus esforços no sentido de facilitar a realização desse objetivo, entendendo-se claramente que nada será feito que possa atentar contra os direitos civis e religiosos das coletividades não-judaicas existentes na Palestina, nem contra os direitos e o estatuto político de que gozam os judeus em qualquer outro país.’

Desde já, declaro-me extremamente grato a V. Sa pela gentileza de encaminhar esta declaração ao conhecimento da Federação Sionista.

Arthur James Balfour.”

A França e a Itália, aliadas de Londres na Primeira Guerra Mundial, ratificam espontaneamente a Declaração de Balfour, prevenindo-se de deixar o Oriente sob administração exclusiva do Império Britânico. Os Estados Unidos aprovaram-na em agosto de 1918.

DEUS NO CONTROLE DA HISTÓRIA

Toda essa movimentação histórica, no entanto, não estava à revelia do Deus de Israel. Os homens, sem o saberem, compuseram o quadro desejável para o cumprimento de Sua Palavra Profética. Os fatos decisivos da Primeira Guerra Mundial, referentes à Palestina, possibilitaram a criação de uma terra para Israel. A Segunda Guerra Mundial proporcionou uma nação para essa terra. O Holocausto conferiu dramática e ines-

perada legitimidade ao anseio sionista. A ideia de um Estado judeu finalmente se impunha como uma política compensatória de grandes potências, cujos líderes tinham em suas consciências a marca da omissão e cumplicidade com os horrores nos campos de concentração nazistas.

Davi Hunt, em seu livro “Jerusalém, um Cálice de Tontear – As Profecias Sobre a Cidade Santa”, cita:

“Os eventos na Alemanha não estavam escondidos do resto do mundo. Relatos de testemunhas do horror crescente causado aos judeus por toda a Alemanha, assim como o crescente número de demonstrações contra eles em países vizinhos, foram veiculados na mídia mundial. Em julho de 1938, uma conferência internacional foi sediada em Evian, França, para discutir os problemas impostos pelo número crescente de judeus que tentavam desesperadamente escapar da Alemanha.

Mesmo diante de uma necessidade humilhante e crescente, o nível de empatia internacional estava diminuindo. O mundo todo teria que carregar um pouco de culpa pelo Holocausto. A falta de compaixão dos outros países diante de um extermínio iminente dos judeus europeus é imperdoável. Aqui está a explicação de um oficial australiano para a rejeição de seu país aos refugiados judeus:

Sem dúvidas, será compreendido que, por não termos problemas raciais, não temos o desejo de importar um. À medida que crescia o número de judeus que queriam emigrar da Alemanha, “as restrições contra eles também cresciam: a Inglaterra, a Palestina e os Estados Unidos restringiram suas regras de admissão. Quatro países sul-americanos, Argentina, Chile, Uruguai e México, adotaram leis que restringiam severamente o número de judeus que podiam entrar no país. No caso do México, o máximo foi de cem por ano”. Restrições de entrada foram apertadas na Austrália e na Escandinávia. Refugiados eram cruelmente enviados de volta à destruição certa, mesmo na fronteira da Suíça, base da Cruz Vermelha Internacional. Aqueles que conseguiam escapar para tais países eram pegos pela polícia suíça, holandesa ou francesa, presos e enviados de volta pela fronteira até a Alemanha para serem consumidos pela eficiente máquina mortífera de Hitler.

Os poucos milhares de judeus alemães afortunados que conseguiram emigrar antes dos regulamentos apertarem passaram seus ansiosos primeiros meses e anos de liberdade nos Estados Unidos, Inglaterra, Austrália, México e outros países, tentando, desesperadamente, obter vistos para seus parentes que ainda estavam na Alemanha. Eles se achavam lutando contra uma barreira cada vez maior de regras e restrições irracionais criadas proposital-

mente para impossibilitar a emigração de mais judeus. O fluxo de refugiados foi reduzido a um filete, deixando centenas de milhares que estavam tentando escapar de serem mandados para o leste e, finalmente, eliminados.

O mundo compartilha a culpa da Alemanha no Holocausto, não apenas na questão dos meios sutis de regulamento ocultos. Houve tantos incidentes, bem-divulgados na época, de envio